

## **O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa**

### **The role of Academies for the birth of the intellectual elite in Portuguese America**

### **Le rôle des académies pour la naissance de l'élite intellectuelle en Amérique Portugaise**

### **El papel de las Academias para el nacimiento de la élite intelectual en la América portuguesa**

Simone Santana Rodrigues Elias  
Doutoranda em História das Ciências e Educação Científica, Centro de Física da  
Universidade de Coimbra - CFisUC  
simonelncc@gmail.com

Décio Ruivo Martins  
Professor Auxiliar do Centro de Física da Universidade de Coimbra - CFisUC  
decio@uc.pt

**Sumário:** O objetivo é introduzir na história da educação científica em Portugal a participação da elite intelectual luso-brasileira na formação das sociedades literárias. Seus desdobramentos levaram às primeiras manifestações coletivas da inteligência local, agrupando egressos das universidades europeias, sob o comando da Coroa. Estes homens letrados, nascidos numa colônia desprovida de universidades, foram responsáveis pelo surgimento da primeira, embora breve, Academia de Ciências de todo o Império português. Para compreendermos a instalação da prática científica no Brasil, enquanto esforço de sua elite intelectual, foi necessário buscar o fio da história que revele a sua formação.

**Palavras-chave:** Academias de Literatura, Artes e Ciências; primeiros intelectuais brasileiros; formação da inteligência brasileira

**Abstract:** The main goal of this article is to introduce the participation of the Luso-Brazilian intellectual elite in the formation of literary societies and in the history of science in Portugal. Their developments led to the first collective manifestations of a local intelligence, bringing together graduates of European universities under the command of the Portuguese Crown. These scholars, born in a colony devoid of universities, were responsible for the emergence of the first, though short-lived, Academy of Sciences of the entire Portuguese Empire. To understand the birth of scientific practice in Brazil as an effort of its intellectual elite, it is necessary to pursue the thread of history that reveals its constitution.

**Keywords:** Academies of Literature and Sciences; First Brazilian intellectuals; Formation of Brazilian intelligence

**Résumé:** L'objectif de cet article est d'introduire dans l'histoire de l'éducation scientifique au Portugal la participation de l'élite intellectuelle luso-brésilienne. Leurs développements ont conduit aux premières manifestations collectives d'intelligence locale, regroupant les diplômés des universités européennes, sous le commandement de la Couronne. Ces savants, nés dans une colonie dépourvue d'universités, furent responsables de l'émergence de la première, quoique brève, Académie des Sciences de tout l'Empire portugais. Pour comprendre l'installation de la pratique scientifique au Brésil, comme un effort de son élite intellectuelle, il était nécessaire de rechercher le fil de l'histoire qui révèle sa formation.

**Mots-clés:** académies de la littérature et de la science; premiers intellectuels brésiliens; la formation de l'intelligence brésilienne

**Resúmen:** El objetivo es dar a conocer la historia de la educación científica en Portugal la participación de la élite intelectual luso-brasileña en la formación de las sociedades literarias. Sus desdoblamientos llevaron

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist7\_2a4

a las primeras manifestaciones colectivas de la inteligencia local, agrupando egresados de las universidades europeas bajo el mando de la Corona Portuguesa. Estos hombres letrados, nacidos en la colonia desprovista de universidades, fueron responsables por el surgimiento de la primera, aunque breve, Academia de Ciencias de todo el Imperio Portugués. Para comprender la instalación de la práctica científica en Brasil como esfuerzo de su élite intelectual colonial, se hace necesario buscar el hilo de la historia que revele su formación.

**Palabras clave:** Academias de Literatura y Ciencias; Los primeros intelectuales brasileños; Formación de la inteligencia brasileña

## Introdução

Investigar a formação intelectual do povo brasileiro, requer como ponto de partida, a compreensão do nascimento de um novo cidadão, fruto da mestiçagem entre os indígenas nativos, os brancos portugueses e os negros africanos. Este sujeito brasileiro, segundo Gilberto Freyre (2006) é o resultado da heterogeneidade étnica e cultural que já estava presente na origem do povo português, somado àqueles dotes raciais, definidos por Buarque de Holanda (1995) como a “resistência silenciosa e obstinada” dos indígenas nativos do Brasil, acrescido da “suavidade dengosa e açucara” dos negros da África. Esta inteligência única, resultante de uma miscigenação jamais conhecida, não por acaso é definida por Darcy Ribeiro como “*Somos povos novos ainda na luta para nos fazermos a nós mesmos como um gênero humano novo que nunca existiu antes*” (Ribeiro, 1995: 178).

Propomos buscar o fio da história da formação desta inteligência luso-brasileira, tomando a Literatura como ponto de partida, já que sua prática registra o crescente entrosamento entre a formação intelectual e a vida social e cultural no Brasil até 1822. A cultura da sociedade brasileira, segundo Antônio Candido, não foi resultado de um prolongamento das culturas nativas locais, ela chegou da Europa e foi muito lentamente, sendo reinventada na colônia, portanto, ela é fruto de uma imposição que se transformou lentamente em expressão própria (Candido, 2006). A literatura, segundo Candido, foi um importante canal de fortalecimento da cultura, pois “a literatura culta foi um produto de colonização, um transplante da literatura portuguesa, da qual saiu a nossa como prolongamento” (Candido, 1999: 10).

A elite letrada de luso-brasileiros dedicou-se, no cenário das sociedades, à troca de conhecimento literário e, gradativamente, mais científico. Para que possamos compreendê-la, é necessário fazer uma breve visita à trajetória da Universidade em Portugal, como matriz do pensamento instalado em suas colônias.

A Universidade de Coimbra<sup>1</sup> foi criada em 1290, durante o Reinado de D. Dinis I (1261-1325), confirmada pelo Papa Nicolau IV (1227-1292), com o nome de Estudo Geral. Com igual empenho, D. Dinis trabalhou para a criação da Ordem de Cristo (herdeira da Ordem dos Templários, extinta em 1314), que, mais tarde, seria fundamental para a navegação incentivada pelo Infante D. Henrique de Avis (1394-1460) na “grande obra dos descobrimentos” Afonso (1960: 33).

Diversos autores, de forma fantasiosa, relatam que o Infante D. Henrique, tinha grande interesse nos estudos matemáticos e astronômicos, sendo responsável pela criação do curso de Matemática na UC, bem como da Escola de Navegação em Sagres (que não existiu). Por sua atuação exitosa, a navegação pode ser considerada como a única expressão da Ciência em Portugal por séculos, se considerarmos a prática naval como resultado do conhecimento teórico em áreas como matemática, cartografia, astronomia e geografia. As descobertas alargaram os horizontes do conhecimento e levaram a novas rotas, novos conhecimentos e novas explorações. Porém, se havia uma competência prática na navegação, faltava à universidade a mesma ousadia na busca e disseminação do conhecimento.

Para Rómulo de Carvalho, apesar da relativa organização do ensino em Portugal, havia um reconhecido atraso cultural em relação a outros países, como exemplo a saída constante de portugueses para estudar em universidades como Salamanca, Paris, Montpellier, Pádua e Bolonha. Havia em Portugal no século XV, um elevadíssimo número de analfabetos (Carvalho, 2001) como prova, Rómulo cita que as Cortes de Santarém por volta de 1434, decretaram que o juiz da região deveria ser alguém que ao menos, soubesse ler e escrever, caso não existisse alguém já letrado na mesma localidade. Com o recurso de preceptores<sup>2</sup> (alguns eram mestres estrangeiros) na educação das famílias mais abastadas, o conhecimento se estabeleceu na sociedade lusitana. A

---

<sup>1</sup> Como genericamente é sabido, e por isso aqui se enuncia brevemente, entre 1338 e 1354 a Universidade de Coimbra ficou sediada em Lisboa. Em 1559 o colégio jesuíta Colégio do Espírito Santo de Évora foi transformado em Universidade, sendo extinto no contexto da reforma pombalina em 1759.

<sup>2</sup> A universidade escolástica europeia, de sua origem até o século XV, priorizava o “*modus italicus*” onde os jovens universitários eram distribuídos entre os mestres, ou seja, o estudante ficava atrelado ao seu preceptor e não circulava entre as outras aulas, dos demais mestres. Alves define a universidade até o século XV como um conglomerado de preceptores que não se integravam Alves (2017).

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist7\_2a4

impressão do primeiro livro<sup>3</sup> em Portugal ocorreu em 1487, com o título *Pentateuco* de Samuel Gacon e no ano seguinte, foi impresso *Sacramental* de Clemente Sanches de Vercial, versão portuguesa da obra original espanhola. Segundo Bragança, os livros religiosos eram publicados mundialmente em latim e, pela primeira vez, abordavam-se assuntos teológicos em português Bragança (1978)

O reinado de D. Pedro II (1648-1706), iniciado em 1683, reforçou o uso do conhecimento enquanto ferramenta para o desenvolvimento econômico em Portugal, quando o ensino de ciências começava a entrar em consonância com as atividades técnicas, tentando distanciar até certo ponto, o conhecimento do poder religioso (Martins, 1977). Mesmo assim, a formação acadêmica em Portugal não acompanhava o desenvolvimento intelectual que acontecia em alguns países da Europa, Prova disso foi o surgimento dos primeiros Museus europeus<sup>4</sup>, das primeiras Academias Literárias<sup>5</sup> e Academias Científicas, tendência que se espalhou pelo mundo e se faz presente até os dias atuais.

### **Os Letrados em Portugal nos séculos XVII e XVIII**

Em 1696, ocorreram em Portugal, por quase uma década, as **Conferências Discretas e Eruditas**, reunindo intelectuais na residência de D. Francisco Xavier de Meneses (1673-1743) em discussões sobre questões científicas, matérias econômicas e políticas (Diniz, 1826); espírito semelhante esteve presente na **Academia dos Generosos**, presidida por Antônio Álvares da Cunha (Santos, 2012). Ambas iniciativas marcam o início da prática de realizar reuniões da elite local composta por letrados lusitanos no século XVII, estimulando o debate entre os movimentos culturais da época.

Da mesma forma, outras associações foram criadas compondo as primeiras academias literárias lusitanas, como a **Academia dos Singulares** (1663), a **Academia**

---

<sup>3</sup> A invenção da tipografia móvel ocorreu em 1439 por Johannes Gutenberg (1400(?)-1468), transformou o movimento de difusão do conhecimento literário, artístico, religioso e científico no mundo, criando um modelo de circulação de ideias presente até hoje Chartier (1994).

<sup>4</sup> A inauguração do primeiro Museu em 1683, formado por coleções particulares doadas à Universidade de Oxford, tendência seguida por parte da Europa, assumia um importante papel de difusor do conhecimento Bourdieu et al. (1966).

<sup>5</sup> No final do século XV, iniciou-se um movimento de associação de homens cultos na Alemanha, criando a mais antiga sociedade literária em Heidelberg em 1480, onde estudavam o latim, grego, hebraico, astronomia, música, poesia e jurisprudência; formato de associação de letrados Dubois (1987).

**dos Ocultos (1745), a Academia Real da História Portuguesa (1720) e a Academia de Belas Artes Arcádia de Portugal (1756), onde reverenciavam os talentos da literatura.**

O movimento iluminista chegou a Portugal, durante o Reinado de D. João V (1689-1750), promovendo a renovação dos cursos universitários, a chegada de lentes estrangeiros e a instalação de uma biblioteca universitária inovadora, embora “a tolerância aos livros não se estendia a quem falasse por eles” (Filgueiras et al., 2013: 104) fazendo com que, os autores modernos, que já estavam presentes em grande parte das universidades da Europa, levassem muito tempo para chegar às salas de aula em Portugal.

### **A Reforma Pombalina**

O terremoto de Lisboa em 1755 e uma nova crise econômica, marcaram o início da segunda metade do século XVIII em Portugal<sup>6</sup>. É neste cenário, que as ações econômicas, sociais e políticas do Rei Reformador D. José I (1714-1777), ao lado da onipresença de seu ministro Marquês de Pombal (1699-1782), promoveram uma intensa reforma administrativa e educacional<sup>7</sup>, com a expulsão dos jesuítas<sup>8</sup> e o aumento das expedições em suas colônias, resultado da intenção em incorporar práticas científicas em suas políticas (Kury, 2004). O autor F. Santos, define como sintomática, a “coincidência histórica” orquestrada por Pombal, intensificando a exploração geográfica e colonial das colônias portuguesas, ao mesmo tempo em que promovia, uma profunda alteração do sistema de ensino superior em Portugal (Santos, 2013). A Coroa fazia, pela primeira vez, uma busca mais racional dos recursos naturais, através das explorações de especialistas em Ciências, porém, como contraponto, determinava a expulsão dos jesuítas, encerrando

---

<sup>6</sup> O açúcar no Brasil entrou em decadência entre 1660 e 1690. A sorte da descoberta do ouro trouxe de volta a ascensão econômica, promovendo a revolução demográfica, agrícola e industrial. Porém, como afirma Ribeiro Junior, Portugal não utilizou o ouro para estabelecer atividades pudessem se perpetuar e assim, a diminuição da produção mineral na colônia, levou a uma grave crise econômica em Portugal entre 1760 e 1780. Ribeiro Júnior (2004).

<sup>7</sup> No contexto das reformas pombalinas na UC, Martins destaca a participação de lentes luso-brasileiros presentes em seu corpo docente (Martins, 2012) como o Reitor Reformador D. Francisco Lemos (1735-1822); José Monteiro da Rocha (1734-1819) mentor do programa de ensino das ciências físico-matemáticas e José Francisco Leal (1744-1786) que definiu o projeto a ser instalado o Laboratório Chimico, comparável aos melhores da Europa.

<sup>8</sup> Por ordem de Pombal, ocorreu em Portugal a retirada dos jesuítas em 1759 e nos anos seguintes, de suas colônias, no Brasil haviam instalado 35 missões, 17 colégios e seminários, 25 residências e alguns colégios menores, sendo todos os cursos paralisados repentinamente, sem que um novo projeto educacional os substituíssem a curto prazo (Fafe, 2010).

a mais importante iniciativa de educação instalada no Brasil durante todo o período de dominação portuguesa<sup>9</sup>.

A Reforma Pombalina atingia diretamente a Universidade de Coimbra, principal destino de estudantes luso-brasileiros, em busca de uma formação acadêmica superior. Consta dos registros acadêmicos da Universidade de Coimbra, que o primeiro estudante<sup>10</sup> luso-brasileiro matriculado, graduou-se em Leis em 1586 (Morais, 1949); a primeira tese de doutoramento<sup>11</sup> em Filosofia na Universidade de Coimbra, foi defendida em 1776 por um luso-brasileiro (Barreto et al., 2007) e como indicador da presença luso-brasileira em Coimbra, até 1822, foram matriculados 2458 estudantes no além mar (Morais, 1949).

A maioria dos estudantes egressos de Coimbra e outras universidades da Europa, retornava ao Brasil, servindo aos interesses da metrópole, em cargos administrativos ou políticos sob o comando da Coroa. O intelectual luso-brasileiro do início do século XVIII era um homem letrado, doutrinado pela ideologia cristã, com escolaridade fundamental, mediana ou até mesmo superior, treinado pela escolástica, destacando-se na sociedade pelo conhecimento das questões pertinentes ao solo luso-brasileiro. Por sua condição social privilegiada, possuía obrigações tanto para com a Coroa quanto para com a colônia, dedicando-se à divulgação de informações que chegavam de Portugal à colônia, assim como, comunicando as ações que ocorriam no Brasil à Coroa (Moraes, 2011). Estando, portanto, permanentemente dividido entre as questões brásílicas e as decisões da coroa no exercício de seu papel.

As primeiras manifestações da literatura colonial estiveram marcadas pelos relatos históricos e religiosos, sendo o mais conhecido autor da época, Padre Antônio Vieira (1608-1697) e seus sermões. O poeta Manuel Botelho de Oliveira<sup>12</sup> (1636-1711) foi o

---

<sup>9</sup> No final do século XIX, mais de 80% da população portuguesa ainda não sabia ler e escrever. Para muitos autores, um dos maiores responsáveis por este atraso educacional foi a expulsão dos jesuítas em 1759, segundo Buescu, eles eram responsáveis pela única rede escolar estável em todo o Império português que foi desmantelada, sem que Pombal calculasse o desastre no ensino português (Buescu, 2016).

<sup>10</sup> O estudante luso-brasileiro, chamava-se Manuel de Paiva Cabral, era natural de Pernambuco, e se matriculou em Leis na Universidade de Coimbra em 1577.

<sup>11</sup> O estudante Luís Antonio de Castro do Rio Furtado de Mendonça (Visconde de Barbacena) defendeu sua tese de doutoramento na UC em 1776, sendo eleito o 1o Secretário da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1779.

<sup>12</sup> Manoel Botelho de Oliveira foi o primeiro luso-brasileiro a ter sua obra literária publicada. Sua peça teatral *Hay amigo para amigo*, foi publicada de forma anônima no ano de 1663 em Coimbra, não sendo reconhecida por muitos historiadores como seu primeiro trabalho e sim o livro *Música do Parnaso*, publicado em 1705 (Rodrigues Moura, 2009).

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist7\_2a4

autor luso-brasileiro que abriu o século iluminista e segundo Wilson Martins, foi o primeiro “filho do Brasil” a estabelecer a tradição literária na colônia (Martins W., 1977), onde ao lado do poeta Rocha Pita (1660-1738), foram os maiores destaques da literatura barroca brasileira.

No século XVIII, a literatura passou a ser influenciada pelo Arcadismo italiano, estimulando uma escrita mais simples, como contraponto ao rebuscamento do Barroco.

Para Candido, este novo modelo literário que chegava ao Brasil na segunda metade do século XVIII, acompanhava as ações reformadoras do Marquês Pombal<sup>13</sup> e trazia o que ele define como a “pequena Época das Luzes” que inspirou os luso-brasileiros aos movimentos separatistas do século XVIII e a conseqüente emancipação. A pesquisa intelectual e a manifestação artística estiveram presentes na literatura denunciando a preocupação crescente com a emancipação (Candido, 2006).

As diversas tentativas de se criar uma universidade no Brasil colonial, foram negadas pela Coroa, sucessivas vezes. Assim, não havendo a institucionalização do conhecimento formal no Brasil até o início do século XIX, as primeiras academias literárias do século XVIII, serviram como o primeiro espaço de agrupamento da elite intelectual, criadas para estimular a visão histórica do Brasil e de seu cenário político.

### **As Academias Literárias do Brasil do século XVIII**

Entre 1724 e 1725, um grupo de letrados residentes no Brasil, reuniu-se por quase um ano, na **Academia Brasílica dos Esquecidos** em Salvador, com o objetivo de colaborar com a Academia Real de História Portuguesa no levantamento de dados da colônia. Sua principal missão era gerar a descrição literária do Brasil nas áreas das ciências naturais, movimentação militar, eclesiástica e política, estimulando também a produção poética de seus membros. Os relatos eram destinados à Academia Real de História Portuguesa para redação da História de Portugal que estava sendo elaborada. O mais importante trabalho da Academia, é a *História da América Portuguesa*, de Sebastião da Rocha Pita<sup>14</sup> (1660-1738) publicada em 1724 (Sampaio, 2017). A Academia dos

---

<sup>13</sup> Para Candido: “Algo moderno parecia acontecer; e os escritores do Brasil se destacam no ciclo do pombalismo literário” (Candido, 2006: 99)

<sup>14</sup> Rocha Pita nasceu em Salvador, estudou em Coimbra, foi membro da Academia de História de Portugal e é conhecido como o “pai da história do Brasil”, sendo um importante personagem na construção da identidade nacional.

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist7\_2a4

Esquecidos sobreviveu por 18 sessões, repletas de conferências e sonetos. Possivelmente seu nome está associado ao fato da Academia de História ter sido criada, em Portugal com a presença de representantes de todas as colônias portuguesas, exceto o Brasil.

Para Pedrosa os manuscritos originais das dissertações recitadas na Academia dos Esquecidos, encontram-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e podem ser considerados como relevante descrição da História Natural do Brasil. Para ele, o ano de 1724, é o primeiro ano acadêmico do Brasil, “foi com a reunião dos esquecidos que o movimento acadêmico tomou impulso e se espalhou pelas principais cidades brasílicas” (Pedrosa, 2003: 22). Embora, equivocadamente, os autores Leopoldo e Pinheiro afirmem que a produção textual da Academia se perdeu em naufrágio, quando a coleção de manuscritos seguia para impressão em Lisboa que “por fatalidade foram perdidas irreparavelmente, por não se haverem deixado cópias” (Leopoldo et al., 2015: 204).

Por iniciativa do Governador Gomes Freire de Andrade (1685-1763) foi criada em 6 de maio 1736, a **Academia dos Felizes**, tendo como Presidente o médico Matheus Saraiva. A academia reuniu cerca de trinta intelectuais até 1740, não deixando muitos registros de sua atuação literária, com destaque, o trabalho de Mateus Saraiva, *Ilustração da América Portuguesa*.

Em 1752 foi criada a **Academia dos Seletos**, idealizada por Feliciano Joaquim de Souza Nunes (1730-1808), destinada a homenagear Gomes Freire. Porém, Xavier Sigaud (1796-1856), parece superestimar a relevância da Academia dos Seletos, afirmando que foi a associação que viabilizou a criação da Academia de Ciências do Rio de Janeiro, vinte anos depois Sigaud (1844). Embora a Academia dos Seletos tenha inaugurado a primeira tipografia do Brasil, destruída e queimada por ordens da Coroa, para que não se editassem obras literárias na colônia, a academia foi extinta após somente uma seção. Fato que reforça a falta de interesse da Coroa em tornar o conhecimento uma prática colonial.

Surgiu então, a **Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos**, criada em Salvador no ano de 1759, considerada por Luiz Sampaio Sampaio (2017) como o maior projeto cultural e político, iniciado no período colonial, com apoio do Conselheiro Ultramar José Mascarenhas Pacheco Coelho e Melo (1720-1788) que escolheu este nome com a intenção de dar continuidade à extinta Academia Brasílica dos Esquecidos. Composta por 40 acadêmicos, tendo como principal missão, escrever a História do

Brasil<sup>15</sup>, discutir política nacional e criar uma entidade semelhante às sociedades literárias da Europa. Seu mais ilustre acadêmico foi Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), aprimorou-se como poeta na Itália, sendo conhecido como o maior representante do Arcadismo no Brasil, foi preso e morreu durante a Inconfidência Mineira. Para Candido, a Academia abordava temas literários e históricos de forma ingênua, porém, contava com letrados de várias localidades “num primeiro lampejo de integração nacional” (Candido, 2006: 106), deixando de existir em onze meses de criação.

Em 1770, por iniciativa do Governador paulista D. Luís Antonio de Souza (1722-1798) foi criada em São Paulo, a **Academia dos Felizes de São Paulo**, com a elite intelectual paulista. Em sua inauguração, no Palácio do Governo, foram recitadas 68 peças em português, 59 em latim, 6 em espanhol, 1 em francês e 1 em tupi, sendo esta celebração uma marca importante na instalação da elite luso-brasileira (Fonda, 1972) pois sua breve existência instalou a semente acadêmica em São Paulo.

Nos moldes da Arcádia Lusitana, o poeta Cláudio Manuel da Costa, ao lado de Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto, Joaquim Inácio de Seixas Brandão e Domingos Caldas Barbosa, criou a sociedade literária **Colônia Ultramarina** na Vila Rica de Ouro Preto, em 4 de setembro de 1768, com duração desconhecida (Anjos, 2014). Cláudio Manuel da Costa, é identificado como um marco do movimento arcádico no Brasil, incorporando o regionalismo à cultura do Arcadismo.

A formação das academias literárias foi fundamental, para que as primeiras comunidades de pensadores se organizassem no Brasil, onde o conhecimento não era institucionalizado, sendo a primeira formação da comunidade letrada luso-brasileira. O antropólogo Clifford Geertz, fala das “*aldeias intelectuais*” onde seus membros são ligados por relações sociais, morais, políticas e pessoais. Para ele, estes laços duradouros, os fazem envelhecer juntos, citar o pensamento um do outro, determinar padrões e definir redes sociais específicas, reforçada mutuamente (Geertz, 1983: 15C).

Ou seja, o legado mais importante das academias literárias do Brasil, foi a instalação das primeiras aldeias intelectuais em solo brasileiro, coordenadas pela elite de

---

<sup>15</sup> A produção da Academia dos Renascidos: *Desagravos do Brasil*, de Loreto Couto, a *História militar*, de José Mirales, as *Memórias para a história da capitania de São Vicente*, de frei Gaspar da Madre de Deus (Candido, 2006: 106).

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist7\_2a4

luso-brasileiros e focadas na construção de temas nacionais, finalmente, sob a ótica dos nascidos ali.

### **A primeira Academia Científica do Império Português**

A instalação do Iluminismo em Portugal, a partir de 1770, passou pela criação e reformas de espaços para a produção e circulação de novos saberes. O autor Paulo Reis associa a reforma da Universidade de Coimbra em 1772, a criação da Academia Científica do Rio de Janeiro 1771 e a Academia das Ciências de Lisboa em 1779, como estratégias políticas de Marquês Pombal na organização dos estudos ligados às ciências experimentais (Reis, 2010), seguindo uma tradição praticada na Europa com suas Academias Científicas<sup>16</sup>.

Neste contexto, a concepção das novas Academias Científicas rompia radicalmente com a tradição das academias literárias, instaladas até então no Brasil (Diniz, 1826). Neste cenário, a primeira academia científica do império português, foi a **Academia de Ciências do Rio de Janeiro**<sup>17</sup> idealizada pelo Marquês do Lavradio, D. Luís de Almeida Portugal e Mascarenhas (1729-1790) em dezembro de 1771, reunindo-se pela primeira vez, em 18 de fevereiro de 1772 no Palácio do Governo no Rio de Janeiro, funcionando por seis anos. Para a autora Vera Marques

*“O empenho do marquês de Lavradio, ao apoiar a criação da Academia no Rio de Janeiro, cabia nos objetivos de Pombal em incentivar os estudos de história natural. Logo a criação da Academia Científica foi fruto desse espírito científico empreendedor de vários homens sintonizados com os princípios do movimento das Luzes”*  
(Marques, 2005: 43).

---

<sup>16</sup> Data das academias de ciência do mundo: ITÁLIA: 1603 - *Linceorum Academia*, em Roma (precursora da Pontifícia Academia das Ciências); REINO UNIDO: 1662 - *Royal Society*, em Londres; FRANÇA: 1666 - *Académie des Sciences*, em Paris; ALEMANHA: 1700 - *Akademie der Wissenschaften*, em Berlim; Rússia: 1724 - *Российская Академия Наук*, em Moscovo; SUÉCIA: 1739 - *Kungliga Vetenskapsakademien*, em Estocolmo; PORTUGAL: 1779 - Academia Real das Ciências, em Lisboa; PAÍSES BAIXOS: 1808 - *Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen*, em Amsterdan; SUIÇA: 1815 - *Swiss Academy of Sciences*, em Berna; HUNGRIA: 1825 - *Magyar Tudományos Akadémia*, em Budapeste; ESTADOS UNIDOS: 1863 - *National Academy of Sciences*, em Washington D. C.; BULGÁRIA: 1869 - *Българска академия на науките*, em Sófia; ESPANHA: 1894 - *Real Academia Española*, em Madrid; no BRASIL: 1916 - Academia Brasileira de Ciências, no Rio de Janeiro; CHINA: 1949 - *中国科学院*, em Pequim; POLÓNIA: 1952 - *Polska Akademia Nauk*, em Varsóvia (unindo duas já existentes)

<sup>17</sup> Citada por alguns autores como Academia das Ciências e da História Natural

A Academia era presidida pelo médico José Henriques Ferreira e constituída por trinta e dois membros<sup>18</sup>, sendo a maioria ligada à área de saúde (Diniz, 1826), os estudos em medicina, farmácia, botânica e agricultura tiveram prioridade, incluindo atividades práticas na busca de novos medicamentos, realizadas no denominado Horto Botânico de propriedade da Academia. Dentre os trabalhos produzidos por seus acadêmicos, destaca-se a *Memória da Cochonilha* apresentada por José Henriques Ferreira na sessão inaugural da Academia. As relações da Academia de Ciências do Rio de Janeiro com a Academia Real de Ciências da Suécia, através de seu acadêmico Peter Wargentin Leopoldo et al. (2015) ampliaram a possibilidade de diálogo da Academia com a Europa (Pedrosa, 2003).

O encerramento das atividades da academia carioca, ocorreu em 1779 e tem sido justificada por diversos autores, como consequência do término da administração do Marquês de Lavradio, porém, poucos concluem que curiosamente, seu fechamento ocorreu no mesmo ano em que foi criada a Academia de Ciências de Lisboa.

**Academia Real de Ciências de Lisboa** foi criada em 1779 durante o reinado de D. Maria I, para apoiar atividades científicas e de observação, focando em Ciências Naturais, Ciências Exatas e Belas-Letras. Buscava-se uma ciência de caráter prático, buscando uma base tecnológica para a industrialização lusitana. Para Clarete Silva, a criação da Academia marcou a consolidação das reformas de Pombal entre 1758 e 1772, levando a elite a integrar as diretrizes do Estado,

“era não somente o espaço por onde penetrava as ciências modernas no reino, mas também onde se realizavam novas reflexões que se irradiavam pelo reino e pelos seus domínios coloniais” (Silva, 2002).

Vale ressaltar, a participação de investigadores luso-brasileiros na Academia de Ciências de Lisboa de forma expressiva: no período entre 1779 (criação) a 1822 (Independência do Brasil), dentre os 455 acadêmicos admitidos neste período, 38 eram brasileiros (Lima, 2009). A grande maioria era formada por bacharéis, egressos da Universidade de Coimbra, sendo quase todos, ex-alunos de Domenico Vandelli (1735-

---

<sup>18</sup> Os acadêmicos possuíam as seguintes nacionalidades: onze luso-brasileiros, onze portugueses, um italiano, um francês e oito não identificados (Reis, 2010).

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist7\_2a4

1818)<sup>19</sup>, indicados para levantamento de dados à serviço da Academia. Seus artigos publicados nas Memórias da Academia de Ciências de Lisboa, reforçam a excelência de um grupo ilustre de luso-brasileiros, que antecedeu a primeira universidade do Brasil.

Nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro IHGB, há dois manuscritos de José Bonifácio de Andrade e Silva, com Planos de Estatutos para criação de duas sociedades científicas em Portugal: **Sociedade dos Fisiófilos Lisbonenses** Andrada e Silva, (1797) e **Sociedade dos Fisiófilos Conimbricenses** Andrada e Silva (1800). Ambas sociedades idealizadas por Bonifácio e não implementadas, teriam por finalidade o “a investigação e conhecimento da natureza, cujas aplicações e comunicação publica possam servir ao adiantamento das ciências físicas, à utilidade do Estado e bem da humanidade em geral” e teriam em sua estrutura um gabinete de física e história natural, uma coleção de modelos e instrumentos econômicos, uma biblioteca, um instituto e laboratório químico, assim como um jornal “a ser espalhado pela Nação com noções de físicas”.

Em 1786, com a proteção do vice-rei Luiz de Vasconcelos e Souza, foi criada a **Sociedade Literária do Rio de Janeiro**, sendo presidida pelo poeta Manoel Inácio da Silva Alvarenga. Para alguns autores, esta Sociedade era uma tentativa de reviver a Academia de Ciências do Rio de Janeiro, para Candido, ela é reconhecida pela instalação da consciência literária no Brasil (Candido, 1999). Seu presidente, Joaquim José de Ataíde, em seu discurso, fortalece a relevância dos acadêmicos:

“A constante experiência de muitos séculos tem mostrado, que é do seio das academias e sociedades literárias, que tem saído os maiores progressos e resultado o maior adiantamento das ciências; sendo estas uns dos mais inestimáveis tesouros dos reinos e dos impérios (...)”  
(Marques, 2005: 56).

Dentre a produção científica de seus membros, destaca-se o livro *Elementos de Chimica* de Vicente de Seabra Telles (1764-1804), dedicado à Sociedade Literária, considerado um trabalho inovador por inserir a experimentação ao estudo da Química, assim como, abordar as mais recentes contribuições de Lavoisier.

---

<sup>19</sup> Botânico italiano, convidado por Marquês de Pombal em 1764, a assumir as viagens exploratórias às colônias portuguesas.

Porém, as atividades da Sociedade Literária foram encerradas com a chegada do novo vice-rei em 1790, sendo reativada em 1794 e fechada definitivamente, por razões políticas, no mesmo ano, com a prisão de seus membros, dentre eles, Silva Alvarenga, Jacinto José da Silva e Mariano José Pereira da Fonseca, presos sob acusação de conspiração pró-independência (Massarani et al., 2002), mais um exemplo da repressão lusitana ao desenvolvimento intelectual dos luso-brasileiros.

A falta de uma imprensa colonial é mais um forte indicador das limitações sofridas pelo Brasil. Dalmo Barreto (1977) reforça este caráter repressor da metrópole, afirmando a liberação da imprensa em outras colônias portuguesas, já no século XVI, como Goa em 1561 e Macau em 1590<sup>20</sup>; ele lamenta a falta de relatos sobre as imprensas que foram destruídas<sup>21</sup> no Brasil antes de 1808, assim como, sobre a tentativa holandesa de instalar uma oficina em Pernambuco em 1706.

Mesmo diante do esforço da metrópole em evitar a instalação de uma inteligência no Brasil, adiando as transformações sociais que o conhecimento poderia gerar, uma elite intelectual foi se organizando nas sociedades locais. Para o autor Candido (2006), foram os intelectuais da segunda metade do século XVIII, que construíram a consciência nacional que serviu de base para o desenvolvimento do Brasil independente. Poucas vezes, diz ele, o Brasil produziu em apenas 25 anos, intelectuais tão brilhantes quanto **Alexandre Rodrigues Ferreira** (1756-1815), **Francisco de Lacerda e Almeida** (1753-1798), **José Bonifácio de Andrada e Silva** (1763-1838), **Francisco de Melo Franco** (1757-1823), **José Vieira Couto** (1752-1823), **Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt de Sá** (1762-1835), **José Mariano da Conceição Veloso** (1742-1811), **Leandro do Sacramento** (1778-1829), dentre outros homens letrados destacados numa população livre de somente dois milhões de pessoas, sendo a maioria analfabeta.

---

<sup>20</sup> Primeiras tipografias instaladas nas Américas: México, 1539; Peru, 1584; Estados Unidos, 1638; Argentina, 1705; Cuba, 1707 e Brasil, 1808.

<sup>21</sup> Como exemplo, a tipografia Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro de 1747, tendo publicado “A Relação de Entrada” de Luiz Antonio Rosado da Cunha, o primeiro livro impresso no Brasil (Barreto, 1977). Como resposta, Isidoro da Fonseca foi preso, enviado para Lisboa e não tardou a Resolução do Conselho Ultramarino e da Provisão Régia de 1747, proibindo definitivamente a instalação de imprensa.

## **A Corte Portuguesa na América, a elevação a Reino Unido e a independência do Brasil**

Em 1808, uma mudança rigorosa no cenário de Portugal e Brasil aconteceu com a transferência da Metrópole à Colônia, em função da invasão Napoleônica. Até então, três séculos após sua descoberta, a maior colônia portuguesa havia vivido distante da Coroa, com seus portos fechados ao livre comércio, enormes restrições na educação e comunicação do seu povo, além de um cruel sistema escravagista.

A permanência em solo brasileiro da Coroa, o príncipe Regente Dom João VI (1767-1826) e toda a estrutura do governo português, pelo período de treze anos, alterou o futuro do Brasil, fortalecendo as bases para a Independência que iria florescer pouco depois. Novo capítulo estava iniciando, com a máquina pública na colônia que passava a ser sede do poder lusitano.

D. João VI, num de seus primeiros atos, criou a **Imprensa Régia**<sup>22</sup> (13 de maio de 1808) e poucos meses depois, atribuiu à Mesa do Desembargo do Paço, o papel de “organismo censor do Brasil” responsável pelo controle dos textos encaminhados para publicação, bem como, no controle das obras a serem importadas e exportadas (Schwarcz, 2002).

A edição de O Patriota de 1814, divulgou a criação da Academia de Ciências do Rio de Janeiro em 1771<sup>23</sup>, com um texto sobre o descobrimento da Cochoilha no Brasil. Candido afirma que, muitos homens do conhecimento da época, como Araújo Guimarães, viam a ciência por uma ótica civil, desejando que ela revertesse em benefício da sociedade com rapidez (Candido, 2006).

Durante a permanência da Corte Portuguesa no Brasil, ocorreu finalmente a instalação de instituições de ensino e investigação, cursos superiores, museus de história natural, jardins botânicos, gabinetes de investigação e laboratórios com foco teórico e experimental, início da institucionalização da ciência brasileira. Segundo Varela (2009) foi criada em 1811, a **Junta Vacínica da Corte** com o objetivo de divulgar a prática de vacinação na América portuguesa; no ano seguinte, o primeiro laboratório para análise de

---

<sup>22</sup> A Imprensa Régia criada em 1808, passou a se chamar Régia Oficina Tipográfica no ano da elevação da colônia para Reino Unido de Portugal e Algarves (1815) e poucos anos depois, renomeada como Tipografia Real, sendo conhecida na atualidade como o Diário Oficial da República.

<sup>23</sup> O artigo do O Patriota cita a relação nominal dos Acadêmicos e a parceria com a Academia de Ciências da Suécia: “*ligando-se em fim esta Academia com a Real das Sciencias da Suécia, que se dignou de convidar por via do seu Secretário, Pedro Wargentín, e do Dr. Pedro Jonas Bergius*”

materiais vindos das diversas colônias portuguesas, com o nome **Laboratório Químico-Prático da Corte** e em 1816, instalou-se no Rio de Janeiro, a **Escola Real das Ciências Artes e Ofícios** (atual Escola de Belas Artes da UFRJ), com a chegada da missão artística francesa no Rio, pelo Decreto-Lei de 12 de agosto.

Da mesma forma, novas associações científicas e literárias foram estimuladas para promover “a sociabilidade intelectual, a discussão e a pesquisa científica em ciências naturais” (Varela, 2006: 77), embora com duração muito pequena, devem ser inseridas no conjunto de Academias Científicas instaladas no Brasil até a sua Independência.

Como exemplo, a **Real Sociedade Bahiense dos Homens de Letras**, que embora não tenhamos encontrado a confirmação de sua implantação em Salvador, teve a proposta “Preliminares para os estatutos da Real Sociedade Bahiense dos Homens de Letras” apresentada na Real Academia de Lisboa em 30 de junho de 1810, pelo acadêmico Secretário João Guilherme Crystiano Muller e assinada por diversos acadêmicos, dentre eles, Domingos Vandelli e José Bonifácio de Andrada e Silva. Em suas nove páginas manuscritas arquivadas no IHGB, consta do planejamento “A Real Sociedade Literaria se compromete ser útil quanto mais possa ser a Patria, ao Estado, a Nação promovendo as Artes, as Sciencias, as Agriculturas em particular, portando sempre a bem da humanidade por meio das Industrias, das Economias, dos Inventos e dos descobrimentos uteis” (Muller, 1810) contemplando diversas áreas como: meteorologia, química, botânica, matéria e medição, história natural, indústria nacional, economia, finanças, ciências veterinárias, medicina prática ou sintomática, direito, diplomacia, estatística, agricultura, comércio, navegação, inventos e descobrimentos.

Em 1815, o Brasil foi elevado à Reino Unido e logo depois, encerrando o período de dominação portuguesa, alcançou sua Independência em 1822, começando uma nova etapa na busca de sua identidade enquanto Nação, tendo o conhecimento como um dos seus maiores desafios até os dias de hoje.

## **Conclusão**

No final do século XIX, o autor Silvio Romero alertava que a história escrita sobre o Brasil, versava somente sobre os portugueses na América, sobre os tupis ou até mesmo, sobre os africanos chegados à colônia, segundo ele, muito pouco se escrevia sobre a formação do povo brasileiro. Por esta razão, ele estudou a literatura deste “povo em vias

de formação”, escreveu sobre este indivíduo novo, mestiço de sangue ou mestiço de ideias, resultado da fusão entre “o português, o negro, o índio, o meio físico e a imitação estrangeira” (Romero, 1902: 3). Para Romero, a história do Brasil deve ser escrita com foco especial nas personalidades que tenham trabalhado para a determinação do caráter nacional.

Portando, conhecer a trajetória dos grupos de letrados nascidos no Brasil, através da formação das Academias Literárias e Científicas, como o nascedouro da elite intelectual da sociedade brasileira, a partir do século XVIII, torna-se relevante para compreensão da História da Ciência no Brasil, enquanto conhecimento motivado por iniciativas individuais, aristocrático, um pouco desorganizado e até mesmo, ingênuo diante do cenário mundial. O presente artigo não contempla uma análise quantitativa da produção intelectual destes homens, o que deverá gerar um novo trabalho em breve, mas sugere o reconhecimento de seus esforços individuais.

Estes homens letrados, venceram as limitações de seu tempo, como a inexistência de instituições de formação superior em sua colônia, a proibição de imprensa, inexistência de fábricas, ausência de livros, o controle da censura, a distância dos avançados centros culturais europeus e a forte opressão da Coroa. Vencendo a contínua determinação da metrópole em estabelecer a cultura de bens primários como a única competência local, não havendo qualquer política de Estado em educação, ciência e cultura.

As poucas e possíveis ações que existiram, nasceram das reuniões de alguns poucos intelectuais para discutir sobre conhecimento, cultura, sociedade e política – prática fundamental para formação do conceito de Nação. É claro que não podemos olhar para o conhecimento do século XVIII, aprisionados pelos conceitos do século XXI, quando a Ciência é composta por mais de 8 milhões de pesquisadores e mais de 4 milhões de estudantes (UNESCO, 2015), porém, temos que reconhecer o esforço daqueles que buscaram coletivamente, respostas às primeiras indagações de uma inteligência nacional que estava sendo formada. Esta é a História que precisa ser contada.

### **Bibliografia:**

#### **Fontes impressas e manuscritas:**

ANDRADA E SILVA, J. B. (1797). IHGB - Coleção de Silva, JBA. *Plano de Estatutos para a Sociedade dos Physiophilos Lisbonenses*, LATA 191 doc. 11. Lisboa (manuscrito).

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist87\_2a4

ANDRADA E SILVA, J. B. (1800). IHGB - Coleção de Silva, JBA. *Sociedade Phisophilos Conimbricenses, LATA 44 doc. 22*. Coimbra (manuscrito).

MULLER, J. G. (30 de junho de 1810). IHGB - Coleção Silva, JBA. *Preliminares para os estatutos da Real Sociedade Bahiense dos Homens de Letras, LATA 45 doc. 30*. Lisboa.

### Estudos:

AFONSO, A. M. (1960), Breve História de Portugal (3a edição ed.), Porto, Porto Editora Lda. [consulta em 14 de julho de 2017]. Disponível em: <https://archive.org/stream/BreveHistoriaDePortugalAShortHistoryOfPortugalByAMartinsAfonso/BreveHistoriaDePortugal#page/n1/mode/2up>

ALVES, G. L. (2017), O trabalho didático na escola moderna: formas históricas, Campinas, SP, Autores Associados. [consulta em 5 de agosto de 2017]. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=r40tDwAAQBAJ&pg=PT51&lpg=PT51&dq=preceptor+s%C3%A9culo+XV&source=bl&ots=Rhw50a1AHP&sig=LSD6eEv8gxSj8lokKluCHXEGe9s&hl=pt-](https://books.google.com.br/books?id=r40tDwAAQBAJ&pg=PT51&lpg=PT51&dq=preceptor+s%C3%A9culo+XV&source=bl&ots=Rhw50a1AHP&sig=LSD6eEv8gxSj8lokKluCHXEGe9s&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjXj7ut98XVAhVCQZAKHbf4DxoQ6AEIKjAB#v=onepage&q=preceptor%20s%C3%A9culo%20XV&f=)

[BR&sa=X&ved=0ahUKEwjXj7ut98XVAhVCQZAKHbf4DxoQ6AEIKjAB#v=onepage&q=preceptor%20s%C3%A9culo%20XV&f=](https://books.google.com.br/books?id=r40tDwAAQBAJ&pg=PT51&lpg=PT51&dq=preceptor+s%C3%A9culo+XV&source=bl&ots=Rhw50a1AHP&sig=LSD6eEv8gxSj8lokKluCHXEGe9s&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjXj7ut98XVAhVCQZAKHbf4DxoQ6AEIKjAB#v=onepage&q=preceptor%20s%C3%A9culo%20XV&f=)

ANJOS, C. M. (2014), “O Movimento Arcádico no Brasil (1764-1794): Significado político e cultural da “Arcádia Ultramarina”” in Anais do IV Encontro Internacional de História Colonial. Arte e história no mundo ibero-americano (séculos XV-XIX), 7, Belém, Editora Açai, pp. 31-44.

BARRETO, A.; & FIGUEIRAS, C. (2007), Origens da Universidade Brasileira, in Quim, Nova, 30, pp. 1780-1790. Fonte: Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-40422007000700050>

BARRETO, D. F. (1977), “De Brasiliae Rebus Pluribus: o primeiro livro impresso no Brasil”, RIHGB, 314, 51-74.

BOURDIEU, P. ; & DARBEL, A. (1966), L’amour de l’art: les musées et leur public, Paris, Minuit.

BRAGANÇA, J. O. (1978), “O «Sacramental» de Clemente Sanchez de Vercial e o seu comentário ao Pai-Nosso”, Didaskalia, 157-174.

BUESCU, J. (2016), *Matemática em Portugal - Uma questão de Educação*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. [Consultado em 6 de agosto de 2017].

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist7\_2a4

Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?id=6dUkDAAAQBAJ&pg=PT11&lpg=PT11&dq=r%C3%ADticas+a+educa%C3%A7%C3%A3o+em+portugal+r%C3%B3mulo&source=bl&ots=gvXIpBLRyN&sig=CQOZviX0EqemoO4O8sA7H2mcSZk&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiV9aWw\\_cXVAhXDGpAKHS3KAmY4ChDoAQgtMAE#v=onep](https://books.google.com.br/books?id=6dUkDAAAQBAJ&pg=PT11&lpg=PT11&dq=r%C3%ADticas+a+educa%C3%A7%C3%A3o+em+portugal+r%C3%B3mulo&source=bl&ots=gvXIpBLRyN&sig=CQOZviX0EqemoO4O8sA7H2mcSZk&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiV9aWw_cXVAhXDGpAKHS3KAmY4ChDoAQgtMAE#v=onep)

CANDIDO, A. (1999), *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes* (3a edição ed.). São Paulo: Humanitas/. [consulta em 5 de junho de 2017]. Disponível em: [http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio\\_Candido\\_-\\_Literatura\\_e\\_Sociedade.pdf](http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf)

CANDIDO, A. (2006), *Literatura e Sociedade* (9a edição revista pelo autor ed.), Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul.

CARVALHO, R. d. (2001), *História do Ensino em Portugal. Desde a Fundação da Nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano* (3a edição ed.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

CHARTIER, R. (1994), “Do código ao monitos: a trajetória do escrito”, *Revista Estudos Avançados da USP*, 8, pp. 185-199.

DINIZ, F. (1826), “Historia Litteraria do Brasil”, *O Beija-Flor - Jornal de Instrução e Recreio*, pp. 163-168.

DUBOIS, E. T. (1987), “History of Universities” in *History of European Ideas* (Elsevier), 254-255.

FAFE, J. F. (2010), *A colonização portuguesa e emergência do Brasil*, Lisboa, Círculo Leitores e Temas e Debates.

FILGUEIRAS, C.; MARTINS, R. (2013), “A restauração de Portugal à modernidade no século XVIII”, in C. FIOLHAIS; C. SIMÕES; D. MARTINS, *História da Ciência Luso-Brasileira. Coimbra entre Portugal e Brasil* (pp. 101-108), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

FONDA, E. A. (1972), “A “Academia dos Felizes” (1770) e a poesia latina de Frei Antonio de Sant'Ana Galvão, Religioso Franciscano”, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 13, pp. 67-84. Disponível em: [doi:http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i13p67-84](http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i13p67-84)

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist7\_2a4

FREYRE, G. (2006), *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (51a ed. rev. ed.), São Paulo, Global.

GEERTZ, C. (1983), *The way we think now: toward an ethnography of modern thought. Further essays in interpretative anthropology*, 15C.

HOLANDA, S. B. (1995), *Raízes do Brasil* (26a. edição ed.), São Paulo, Companhia das Letras.

KURY, L. (2004), “Homens de ciência no Brasil: Impérios coloniais e circulação de informações”, in *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online], 11 supl. 1, 109-129. [data de acesso] Disponível em: doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702004000400006>

LEOPOLDO, V. d.; PINHEIRO, J. (2015), “Programa Histórico (1839)”, In: F. VARELLA, M. OLIVEIRA, R. GONTIJO, *História e historiadores no Brasil: da América Portuguesa ao Império do Brasil: 1730-1860*, Porto Alegre, Edipucrs, p. 262.

LIMA, P. P. (2009), *Homens de ciência a serviço da coroa. Os intelectuais do Brasil na Academia Real de Ciências de Lisboa. 1779/1822*, Tese de Mestrado em «História dos Descobrimentos e da Expansão». Lisboa, Faculdade de Letras Universidade de Lisboa.

MARQUES, V. R. (2005), *Escola de homens de ciências: a Academia Científica do Rio de Janeiro, 1772-1779*, in *Educar*, n.º 25, 39-57.

MARTINS, D. R. (2012), “Brasileiros na Reforma Pombalina. Criando novos caminhos da Ciência entre Portugal e o Brasil”, in J. Paiva, J. Bernardes, *A Universidade de Coimbra e o Brasil*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 227 e ss .

MARTINS, W. (1977), *História da Inteligência Brasileira [Vols. I (1550-1794)]*, São Paulo, Cultrix.

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. (2002), “Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil”, in L. MASSARANI, I. MOREIRA, M. BRITO, *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*, Rio de Janeiro, Casa da Ciência, pp. 43-64.

MORAES, C. E. (2011), “A importância dos documentos letrários e não literários nos estudos do grupo de pesquisa "A escrita no Brasil Colonial e suas relações"”, *Revista Acta*, n.º 1, 1-7.

MORAIS, F. (1949), “Estudantes na Universidade de Coimbra nascidos no Brasil”, *Brasília*, IV, suplemento.

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist7\_2a4

PEDROSA, F. M. (2003), “A Academia Brasílica dos Esquecidos e a História Natural da Nova Lusitânia. O movimento academicista e a academia brasílica dos esquecidos.”, Revista da SBHC, vol. I, pp. 21-28.

REIS, P. C. (2010), Ciências e Saberes no Rio de Janeiro Setecentista - o caso da Academia Científica do Rio de Janeiro (1771-1779), Niterói RJ, Selo Verde.

RIBEIRO, D. (1995), O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil (2a edição ed.), São Paulo, Editora Companhia das Letras. [consulta em 8 de dezembro de 2015].

Disponível em:  
[http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/ribeiro\\_darcy\\_povo\\_brasileiro\\_formacao\\_e\\_o\\_sentido\\_do\\_brasil.pdf](http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/ribeiro_darcy_povo_brasileiro_formacao_e_o_sentido_do_brasil.pdf)

RIBEIRO JUNIOR, J. (2004), Colonização e monopólio no Nordeste brasileiro: a Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba, 1759-1780, São Paulo, Hucitec.

RODRIGUES MOURA, E. (2009), “Manoel Botelho de Oliveira em Coimbra. A comédia Hay amigo para amigo (1663)”, Navegações, 2(n. 1), 31-38.

ROMERO, S. (1902), História da Literatura Brasileira: Fatores da Literatura Brasileira (2a edição melhorada pelo autor ed.). (L.-E. H. Garnier, Ed.) Rio de Janeiro. [consultada em 11 de junho de 2017]. Disponível em:  
<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6569>

SAMPAIO, L. A. (2017), As mais antigas academias brasileiras de letras. Disponível em: União Brasileira de Escritores: <http://www.ubebr.com.br/post/artigos/as-mais-antigas-academias-brasileiras-de-letras-por-luiz-augusto-paranhos-sampaio>

SANTOS, C. M. (2012). O acadêmico Ambicioso: D. António Álvares da Cunha e o aparecimento das academias em Portugal. Tese de Doutorado Porto, Faculdade de Letras do Porto, Instituto de Estudos Ibéricos.

SANTOS, F. S. (2013), “Coimbra ou Berlin? Humboldt ou Pombal?”, in C. FIOLEAIS, C. SIMÕES, & D. MARTINS, História da Ciência Luso-Brasileira. Coimbra entre Portugal e Brasil, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 109-120.

SCHWARCZ, L. M. (2002), A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil, São Paulo, Companhia das Letras.

SIGAUD, J. F. (1844), Maladies du Brésil - statistique médicale de cet empire, Paris, Chez Fortin.

Simone Santana Rodrigues Elias, Décio Ruivo Martins – O papel das Academias para o nascimento da elite intelectual na América Portuguesa – História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 7, nº 2. 2017. 49-69  
DOI: 10.21747/0871164X/hist7\_2a4

SILVA, C. P. (2002), O desvendar do grande livro da natureza: um estudo da obra do mineralogista José Vieira Couto, 1798-1805, São Paulo, Annablume Editora.

UNESCO. (2015), Sciences Report: towards 2030, Paris, Unesco.

VARELA, A. G. (2006), "Juro-lhe pela honra de um bom vassalo e bom português": análise das memórias científicas de José Bonifácio de Andrada e Silva (1780-1819), São Paulo, Annablume.

VARELA, A. G. (2009), Atividades científicas na "Bela e Bárbara" Capitania de São Paulo (1796-1823), São Paulo, Annablume.